

O INTELLECTUAL DIANTE DA MODERNIDADE: MÁRIO DE ANDRADE⁵⁴Juan de Lima⁵⁵

RESUMO: De modo mais geral, o presente trabalho procura reconstituir, minimamente, o quadro intelectual e artístico brasileiro entre os anos de 1922 a 1945 a partir da figura de Mário de Andrade. A delimitação temporal visa cobrir o período de produção de Mário desde a sua participação na Semana de Arte Moderna de 1922, até a sua morte, em 1945. Nesse processo, seu livro *Macunaíma* ganha certa predominância em nosso trabalho. Procuraremos responder, mormente, a seguinte questão: como o intelectual Mário de Andrade teve seu posicionamento afetado pelas circunstâncias históricas? O trabalho ganha sustentação em autores do pensamento político e social brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade; intelectualidade; modernismo; literatura.

PREÂMBULO

A produção cultural brasileira, até fins do século XIX, esteve intimamente relacionada com o plano maior de nossa monarquia². Desde que o Império Português fora transposto nos trópicos, passou a ser um anseio cada vez maior, sobretudo por conta de D. Pedro II, a criação de uma imagem do Brasil, e as artes foram um dos principais elementos que auxiliariam nesse processo. E será a partir dos anos 1850 que isso se dará de forma mais significativa. Segundo Schwarcz, esse empreendimento tinha como objetivo “(...) assegurar não só a realeza como destacar uma memória, reconhecer uma cultura.” (SCHWARCZ, 1998, p.126). Entretanto, se é a partir dos anos 1850 que isso se dá de forma mais contundente, temos o início desse processo já em 1838. É criado, nesse ano, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Quase que totalmente financiado por D. Pedro II, o IHGB, já em 1940, será o abrigo dos românticos brasileiros. Entretanto, é a partir dos anos 1850 que o IHGB se firmará enquanto um importante centro de estudos, fomentando a pesquisa literária e estimulando, em larga medida, a vida intelectual da época, ao estabelecer nexos entre os artistas/intelectuais e o governo.

⁵⁴ Sobre esse período, gostaríamos de destacar o trabalho de Lília Moritz Schwarcz, *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, enquanto uma referência importante para se entender o segundo Império. No nosso estudo, cabe destacar mais especificamente o capítulo 7.

⁵⁵ Juan de Lima é graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista – Campus Araraquara. E-mail: juan.de.lima@hotmail.com



Por intelectuais, aqui entendemos como sendo um grupo definido “(...) por um certo número de atributos, entre os quais o principal refere-se à natureza particular de suas relações com a política.” (MARTINS, 1987, p.1). De certa forma, essa noção perpassa as figuras intelectuais que elencamos em nosso trabalho, sobretudo Mário de Andrade, mais adiante. Também encontramos apoio no que diz respeito à definição de “intelectual” na análise gramsciana (GRAMSCI, 1999). Ao dizer de uma diferença fundamental entre o dito intelectual tradicional como sendo aquela figura que se destaca como um agente eminentemente intelectual em sua *essência*, e o orgânico como sendo aquele que se orienta na vida artística e pública tomando por base as circunstâncias históricas e culturais específicas ao qual esse sujeito está localizado. Assim, podemos aqui ter uma referência mais precisa de definição de intelectual, de modo que poderemos compreender de que maneira as circunstâncias sociais e políticas em torno desses sujeitos acabam por orientar ou não suas atividades intelectuais.

Além da literatura, expressão artística amplamente analisada por nós neste trabalho, há ainda no período do Segundo Reinado uma intensa produção de gravuras e pinturas, sempre com o objetivo de exaltar a brasilidade – ainda no seu processo de construção – bem como enaltecer a imagem de D. Pedro II. No caso da literatura, os nomes mais expressivos serão Gonçalves Dias e José de Alencar. Sobre a produção literária, apesar das pesquisas que foram realizadas no IHGB durante esse período, pouco se sabia dos indígenas, “(...) mas na literatura ferviam os romances épicos que traziam chefes e indígenas heróicos, amores silvestres com a floresta virgem como paisagem.” (SCHWARCZ, 1998, p.131).

De acordo com alguns autores como Candido (2007) e Schwarz (2000), nossa literatura só vai se firmar nesse período, fato este que coincide com o auge do Romantismo Brasileiro. De acordo com Candido (2007, p.327), será no Romantismo que nossa literatura se adequará ao presente. O mesmo se dará nas análises de Schwarz (2000). O autor nos indica que será com José de Alencar, e mais tarde, com Machado de Assis - de forma brilhante, aliás - que a literatura brasileira atinge o seu auge, em que alguns modismos estrangeiros têm condições de serem superados, chegando, desse modo, à sua maturidade.

Se com o mecenato de D. Pedro II a produção literária brasileira possuiu, de certa forma, uma agenda, com o fim da monarquia brasileira nossos literatos estarão mais livres, e suas ambições serão outras:

“A palavra de ordem da “geração modernista de 1870” era condenar a sociedade “fossilizada” do Império e pregar as grandes reformas redentoras: “a abolição”, “a república”, “a democracia”. O engajamento se torna a condição ética do homem de letras.” (SEVCENKO, 2003, p.97).

A própria sociedade brasileira se modernizava. Se finalmente havíamos superado a monarquia, a hereditariedade e suas hierarquias, as preocupações dos intelectuais certamente se alterariam ou se transformariam também. No início do século XIX, “Todos os alicerces da sensibilidade romântica tradicional são rapidamente corroídos até a completa dissolução.” (SEVCENKO, 2003, p.120). Nomes como João do Rio, Lima Barreto, José Veríssimo, Euclides da Cunha, entre outros se destacam na produção literária da época. São homens de letras que emitirão suas opiniões, em maior grau, em jornais e revistas, mas também em forma de romances.

Os Sertões, de Euclides da Cunha, auge da produção nesse período, inaugurará um novo patamar na nossa produção literária. Entretanto, isso só poderá ser dito se tomarmos a forma pela qual os temas inseridos no texto são abordados, na tentativa de mostrar um Brasil desconhecido. Esteticamente o texto carregará, ainda, os formalismos acadêmicos. Será a partir dos modernistas que haverá uma produção artística que se propõe a não somente abordar os temas daqueles que teriam sido “esquecidos” (isto é, os indígenas, caboclos, culturas nordestinas, caipiras etc.); ou seja, expressões artísticas que colocavam em pauta inovações estéticas, como por exemplo, o rompimento com o formalismo acadêmico e a transposição da oralidade ao texto literário.

MÁRIO DE ANDRADE, MODERNISMO E MODERNIDADE

O Brasil como um todo, principalmente as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, estava passando por um intenso processo de modificação das bases de produção e também havia um fervilhante caldo cultural e social se configurando nesse momento. Se a literatura de outrora estava relacionada com a preocupação de formar uma imagem do Brasil, de exaltar o governo ou mesmo do seu estabelecimento enquanto campo artístico específico e autônomo, agora ela se encontraria desvinculada dessas preocupações. A produção literária a partir dos anos 1920 estará mais preocupada com as rupturas das formas literárias, demasiadamente acadêmicas e ainda ligada à aristocracia. O modernismo surgirá como um preparador para a modernidade.

Entendemos, pois, que o movimento modernista será o resultado de vários fatores. Os intelectuais que organizaram a Semana de Arte Moderna de 1922 de São Paulo, sobretudo,

estavam em contato com o aquilo que de mais “moderno” estava sendo produzido pelas artes no mundo: as vanguardas europeias, principalmente o surrealismo e o impressionismo, assim como o impacto do surgimento do cinematógrafo. Financiada por Paulo Prado e outros aristocratas paulistas, a Semana tinha por objetivo principal a renovação das linguagens artísticas. Surge da própria aristocracia, portanto, a ânsia em sintonizar o pensamento com o espírito da modernidade.

Mário de Andrade, um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna de 1922 é uma das figuras-chave para entendermos o Modernismo. O texto *O movimento modernista*, espécie de balanço realizado por Mário de Andrade se figura como um importante eixo norteador para refletirmos sobre a cultura dos anos 1920 até os anos 1940. Mário de Andrade entende que, apesar de a Semana estabelecer uma data, um ponto de partida, desde pelo menos seis anos antes um espírito novo vinha se definindo no “Sentimento de um grupinho de intelectuais paulistas. (...) De primeiro, foi um fenômeno estritamente sentimental, uma intuição divinatória... um estado de poesia.” (1978, p.232). Mário diz que os quadros de Anita Malfatti foram uma espécie de “revelação”. Tendo como referência a vanguarda estética europeia à época, Malfatti introduz um ponto de inflexão nas artes brasileiras, com pinturas que fugiriam do lugar-comum, que abre espaço, portanto, para que o movimento Modernista possa surgir e criando um cenário favorável para a renovação das estéticas artísticas.

O movimento modernista, lido tanto pelo lado artístico quanto pelos costumes sociais e políticos, foi o prenunciador, o preparador, e – para muitos estudiosos - o criador de um estado de espírito nacional. As transformações ocorridas no mundo moderno, como quedas de impérios, novas tecnologias e novas consciências impunham a criação de um espírito novo, exigindo assim, a reverificação e mesmo a remodelação da inteligência nacional. Esse foi o movimento Modernista e a Semana de 22 foi o seu brado coletivo principal. Mário dirá: “Porque tudo isso que se faria, mesmo sem o movimento modernista, seria pura e simplesmente... o movimento modernista.” (ANDRADE, 1978, p.231).

A primeira manifestação literária dessa seara será o livro *Paulicéia desvairada*, com publicação ainda em 1922, no calor do momento da Semana. Mário produz uma série de inovações estéticas em seu texto. Entretanto, a mudança brusca de fato na literatura se dará em 1928, com a publicação de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Nesse período, Mário tem

significativa produção literária, com a publicação de *A escrava que não é Isaura* (1925), *Losango cáqui* (1926), *Primeiro andar* (1926), *O clã do jabuti* (1927), *Amar, verbo intransitivo* (1927) e *Ensaio sobre a música brasileira* (1927).

Além da publicação de *Paulicéia desvairada*, outro ponto importante de sustentação do modernismo a fim de se garantir uma organicidade no movimento é a publicação em 1924 do *Manifesto Pau-Brasil* e, em 1926, do *Manifesto Antropofágico*, de Oswald de Andrade. Em ambos os textos há uma preocupação em se colocar em perspectiva a confluência e vivência entre o novo e o antigo, o natural e o científico, assim como uma tentativa em se buscar e alcançar o brasileiro. Sobre a utilização da língua, “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.” (ANDRADE, 1976). Antropofagia, o antigo ritual indígena, popularizado pelos viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil nos séculos XVI e XVII, sobretudo, era um ritual com o qual os indígenas literalmente comiam os seus inimigos e, dessa forma, poderiam subtrair aquilo que de melhor havia neles. Era um ato simbólico de deglutição. O mesmo se daria com a antropofagia modernista, em que a especificidade da cultura brasileira seria a de “digerir” os componentes culturais de fora, estrangeiros, para daí se tirar um substrato *nosso*, a nossa cultura.

É em *Macunaíma* que encontramos essas manifestações de forma mais contundente, sobretudo por ser obra do próprio Mário, um intelectual que além de transpor sua versatilidade artística em poemas e romances, ainda era músico, professor, crítico e pesquisador do folclore e da cultura popular brasileira. Soube colocar no seu romance de maior prestígio todo o seu empenho intelectual. Schwarcz e Starling dizem, sobre Mário de Andrade e seu *Macunaíma* que:

Mário de Andrade e seu livro restaram como ícones desse novo momento em que o Brasil começava a se entender e autofotografar. Não só se negava o argumento racial e seu derrotismo, como a mestiçagem e a presença de negros aqui viravam características fundamentais: uma verdadeira fortuna. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 339-40).

Macunaíma é um texto que comporta vários tipos de linguagens. Obra de um verdadeiro *bricoleur*, Mário se utiliza de mitos indígenas brasileiros e lendas de todos os lugares do mundo. Coloca na fala de seus personagens e em sua escrita a oralidade popular, seja ela a caipira, a indígena, do nordeste e do norte brasileiro. Insere na paisagem de seu romance lugares pouco conhecidos pela grande maioria da população até então, na busca de um Brasil unificado, fruto do

projeto nacionalista à época. Só que a busca por esse Brasil não se dá de maneira lógica e nem temporal.

Macunaíma, o personagem caracterizado por ser um “herói sem nenhum caráter”, é negro e vira branco. Malandro, que tenta tirar vantagem de tudo e de todos, é ainda preguiçoso, fala muitos palavrões e conta muitas mentiras. A trama é relativamente simples: gira em torno da tentativa de Macunaíma recuperar o “muiraquitã”, amuleto que sua antiga esposa, a índia Ci, lhe dera de presente. Entretanto, a história se torna um pouco complexa na medida em que não há tempo definido e os lugares se alteram durante toda a narrativa. Ora Macunaíma está no Norte do Brasil, ora está no Nordeste, no Sul, ou então no Brasil Central. Mas é quando Macunaíma sabe da verdadeira localização de seu amuleto que há uma mudança brusca na história. O amuleto estaria na cidade de São Paulo, nas mãos de um gigante comedor de gentes (um Piaimã, personagem recorrente em mitos indígenas), o Venceslau Pietro Pietra. São Paulo se mostra um ambiente diferente para Macunaíma. Demais acelerado em comparação com aquele que ele vivenciava no mato, Macunaíma deve se adaptar ao ambiente para poder recuperar o seu amuleto. Se estranha com as máquinas, o telefone, o carro, os faróis. É um mundo novo, e essa realidade é expressa no romance, e o cenário descrito na obra é senão o retrato da São Paulo à época.

De modo mais geral, entre os anos 1920 e 1930 o papel da intelectualidade brasileira como um todo se altera paulatinamente:

Sobretudo a intelectualidade nacional passaria a questionar concepções mais tradicionais na área da cultura, assim como enfrentaria as instituições republicanas, elevando o tom da ruptura. Aí estavam novos atores que passariam a lutar por direitos e participação. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 337-338).

Após a primeira safra da produção literária modernista, se abre caminhos para um novo tipo de literatura brasileira e o modernismo colherá seus primeiros resultados artísticos. Há a assimilação das rupturas literárias que o modernismo causou durante toda a década de 1920, dando condições para que um novo tipo de estética literária pudesse então emergir. A produção literária se desloca do centro para os estados que até então não tinham participação significativa na produção de obras relevantes:

À semelhança do ocorrido na Europa, quando as novidades atingiram a sua radicalidade nos contextos mais resistentes ao estilo moderno de vida, no Brasil aconteceu coisa parecida e, descontada a Semana de Arte Moderna e suas consequências, foi de fora da metrópole Rio-São Paulo que chegou o novo. (ARRUDA, 2011, p.191).



Autores mineiros, gaúchos e principalmente do Nordeste serão os responsáveis pela renovação da estética literária dos anos 1930. Esses autores não possuem mais nenhum problema quanto à utilização da linguagem regionalista para a produção dos seus escritos, já que isso já havia sido superado pelo modernismo durante os anos 1920. Daí o intenso uso: 1) da transposição da linguagem oral para a escrita dos textos; 2) da ambientação regionalista para que o conhecimento do Brasil *profundo* pudesse continuar a ser descoberto; 3) das imagens do nosso país; 4) e das aparições circunscritas às possibilidades futuras das características constitutivas do povo brasileiro. Emergirão dessa safra autores como José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Raquel de Queiroz e Jorge Amado (ARRUDA, 2011, p.193). Esses escritores puderam alcançar notável sucesso entre o público brasileiro. De acordo com Mário de Andrade, o movimento de inteligência do modernismo não foi o fator de mudanças político-sociais. Fora o seu preparador. Os anos 30 foram mais “calmos”, de uma literatura “(...) mais modesta e quotidiana, mais proletária, por assim dizer, de construção. À espera que um dia as outras formas sociais a imitem.” (ANDRADE, 1978, p.242). Apesar disso, gostaríamos de ressaltar que essa característica da literatura nesse momento esteve intimamente relacionada com os ideais de Getúlio Vargas daquele período. De acordo com Candido, os anos 30 seriam um eixo catalisador de elementos dispersos a uma configuração maior. Projeta na escala da Nação o que antes estava circunscrito no âmbito das regiões (CANDIDO, 1984).

Será ainda nos anos 30 que surgirão trabalhos empenhados em se entender o Brasil em sua complexidade e profundidade. Com o caminho aberto pelo regionalismo, tratando do Brasil não enquanto um todo coerente, mas com nuances; sendo assim, emergem pensadores que passam a ir ao encontro dessas particularidades para se interpretar o país. Arruda (2011, p.199), por exemplo, destaca obras como *Casa-Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil*, *Evolução Política no Brasil*, que surgiriam nesse período como importantes contribuições para se interpretar o Brasil.

Com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda em 1939, Getúlio Vargas conseguirá, com sucesso, angariar bases de apoio popular e intelectual, ao recrutar para o seu governo simpatias políticas. *Hora do Brasil*, por exemplo, um programa radiofônico criado pelo DIP em 1938 – e presente até hoje – foi uma das formas encontradas por Vargas para que sua voz pudesse ecoar para todos aqueles que tivessem um rádio em sua casa. Sem intermediários, Vargas agora poderia falar diretamente ao povo brasileiro, com discursos curtos e simples (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p.376).

Há ainda, nesse mesmo período, por meio do Ministério da Educação e Saúde, uma aproximação dos intelectuais na vida política (e pública). Alguns nomes dos intelectuais que fizeram parte desse cenário são Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo, Rosário Fusco, Menotti Del Picchia, Gilberto Freyre, Alceu Amoroso Lima, Nelson Werneck Sodré e Graciliano Ramos (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p.378). Podemos ver, portanto, que Mário se insere nesse quadro de aproximação de intelectuais e o governo e que, de certa forma, Vargas consegue realizar parte de sua agenda à época.

A atuação de Mário de Andrade dentro do Ministério da Cultura foi breve, com a catalogação de músicas populares e histórias orais no Norte e Nordeste do Brasil. Em um verdadeiro trabalho de um antropólogo, Mário foi incumbido de ir a lugares distantes, desconhecidos e despovoados, a fim de que as partes do Brasil pudessem ser descobertas e, deste modo, unificadas sob a forma de nação. Os trabalhos de Mário, apesar de terem sido breves, servem de exemplo para que entendamos de que forma, novamente, há a aproximação entre intelectuais e a vida pública. Não houve, desde o tempo do Império de D. Pedro II, uma aproximação tão latente entre essas duas instâncias.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Apesar dos avanços realizados pelo Modernismo no que tange à renovação estética das artes e dos modos de se pensar o mundo, Mário de Andrade em 1942 vai escrever um discurso que, em seus momentos finais, fará um balanço crítico dele próprio e do movimento Modernista que tem seu início em 1922. Dentre outras coisas, Mário fala da falta de compromisso com a vida pública que os modernistas tiveram na década de 1920:

Atuais, atualíssimos, universais, originais mesmo por vezes em nossas pesquisas e criações, nós, os participantes do período milhormente chamado “modernista”, fomos, com algumas exceções nada convincentes, vítimas do nosso prazer da vida e da festança em que nos desvirilizamos. Si tudo mudávamos em nós, uma coisa nos esquecemos de mudar: a atitude interessada diante da vida contemporânea. (ANDRADE, 1978, p.252).

De todo modo, Mário entende que apesar de tudo o que o Modernismo deixou para as gerações posteriores, como o direito à pesquisa estética, muito realizada pelos regionalistas da década de 1930, e avanços no que diz respeito ao reconhecimento de outros povos e grupos dentro do Brasil *profundo*, o movimento não passou de uma obra coletiva, porém permeada de interesses particulares, individuais, que apenas diziam respeito às aspirações destes enquanto

meros artistas. O movimento não soube melhorar a vida do homem e nem conseguiu prover a ele uma melhor condição de vida. Para Mário de Andrade:

Si de alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem assim na beira do caminho, espiando a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nisto, espões da vida, camuflados em técnicos da vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões. (ANDRADE, 1978, p.255).

Segundo Lahuerta (2014), em 1945, ano de realização do I Congresso Brasileiro de Escritores, os intelectuais passaram a se polarizar e a se politizar cada vez mais, já que estes estariam mais autônomos frente ao regime do Estado Novo. Nesse momento: “É a conjuntura, cada vez mais polarizada, que faz com que se exaspere a discussão sobre as condições nas quais o trabalho intelectual vinha sendo realizado.” (LAHUERTA, 2014, p.251).

Posição semelhante acontece com Mário de Andrade, que também participa do I Congresso Brasileiro de Escritores. Em carta enviada ao poeta Carlos Drummond de Andrade em 11/02/1945, menos de um mês após o fim do Congresso, Mário expõe uma opinião muito diferente da qual ele havia feito em 1942 – exposta anteriormente. Para ele, o intelectual não deve se intrometer na vida política e pública de modo geral. O intelectual, se uma vez sair de sua torre de marfim, perderá a sua própria condição de intelectual. Mário dirá sobre as transformações artísticas e intelectuais desde os idos dos anos 1920:

(...) o intelectual, o artista, pela natureza, pela sua definição mesma de não-conformista, não pode perder a sua profissão, se duplicando na profissão de político. (...) É da sua torre-de-marfim que ele deve combater, jogar desde o guspe até o raio de Júpiter incendiando cidades. Mas da sua torre. Ele pode sair da torre e ir botar uma bomba no Vaticano, na Casa Branca, no Catete, em Meca. Mas sua torre não poderá ter nunca pontes nem subterrâneos. (ANDRADE, 1988, ps. 224-5).

Mário de Andrade morre onze dias após a escrita dessa carta. Certamente fora sua reflexão final sobre a sua própria condição de artista e de intelectual. Concluindo, tivemos a possibilidade de minimamente analisar em nosso trabalho as seguintes questões: 1) a forma como Mário se plasmou e plasmou a cultura brasileira; 2) a própria condição de intelectual e as variações da participação política e pública deste agente/ator político-social entre as décadas de 20 e 40 do século passado. Também pudemos compreender as transformações acerca do entendimento do que é um intelectual considerando as diferentes circunstâncias políticas e sociais dos momentos históricos aqui investigados. Mais do que isso, gostaríamos de ratificar a inegável contribuição de Mário de Andrade para a vida artística do Brasil. Em 2015, setenta anos após a sua morte, Mário

continua a contribuir para as artes brasileiras. A última edição da Festa Literária Internacional de Paraty comemorou a vida e a obra de Mário de Andrade. Das ressonâncias de sua obra, será o livro *Macunaíma*, sobretudo, aquilo que mais rendeu frutos para a produção artística brasileira, inclusive nos dias atuais. Transposto para o cinema nas lentes de Pedro Joaquim de Andrade, adaptado para o teatro pelo diretor Antunes Filho e trabalhado na academia à exaustão, *Macunaíma* – assim como seu criador Mário de Andrade – ainda parecem estar longe de se esgotarem, confirmando o seu lugar na cultura brasileira; seja ao levarmos em conta seu valor artístico e cultural, ou então como um meio para pensarmos o período de modernização da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDRADE, Mário de. A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- ANDRADE, Mário. Aspectos da literatura brasileira. São Paulo: Martins, 1978.
- ANDRADE, Mário de. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. São Paulo: Martins, 1979.
- ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Petrópolis: Vozes; 1976.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Modernismo e regionalismo no Brasil: entre inovação e tradição. Tempo Social, São Paulo, v. 23, n. 2, 2011.
- CANDIDO, Antonio. A revolução de 30 e a cultura. Novos Estudos Cebrap, São Paulo v. 2, n. 4, 1984.
- CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LAHUERTA, Milton. Elitismo, autonomia, populismo: os intelectuais na transição dos anos 1940. São Paulo: Andreato Comunicação e Cultura, 2014.
- MARTINS, Luciano. A Gênese de uma intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil, 1920-1945. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 2, n. 4, 1987.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.
- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

